

A FOTOGRAFIA EM PROL DA ACESSIBILIDADE¹

Bianca Rocha Gouveia²
Francineyde Ferreira Pereira³
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

Esse trabalho faz um percurso teórico sobre a relação da fotografia no âmbito da educação como meio de propagar e estimular conhecimento e vivências práticas nas instituições de ensino, bem como a possibilidade de ampliar a acessibilidade, em específico, ao difundir a prática fotográfica para o deficiente visual. Busca-se, ainda, perceber de que maneira o não vidente pode utilizar da multissensorialidade ao explorar estímulos auditivos e táteis na produção, na leitura e na recepção de imagens, utilizando de técnicas que os aproxime da construção imagética presente em suas feitura fotografáticas.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Educação. Comunicação. Acessibilidade.

Introdução

Desde seu surgimento, a fotografia exerce um papel de guardar consigo histórias e saberes da humanidade. Com a perpetuação das práticas fotográficas, o conhecimento sobre o mundo se tornou mais amplo e acessível aos povos. Permeadas por significados, as imagens são instrumentos que possibilitam diversas abordagens no meio estudantil. Todavia, nem sempre essa ferramenta didática é explorada como se deve na área do ensino; essa problemática está ligada às práticas pedagógicas tradicionais, nas quais o uso de textos verbais é a essência do aprendizado. No entanto, na era digital, estamos o tempo todo consumindo e produzindo informações em forma de imagens.

¹ Trabalho apresentado no GT 03 “Fotografia, educação e acessibilidade”

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Arte e Mídia da UFCG, e-mail: bianca.apenas@gmail.com

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Arte e Mídia da UFCG, e-mail: francineydepereira@gmail.com

Saber ler imagens é uma exigência da sociedade contemporânea, tendo em vista a grande quantidade de informações que nos são transmitidas por meio dessa linguagem. Conhecer a “gramática visual” nos tornaria capacitados para ler e interpretar imagens com consciência (TORRES, 2011, p.10).

Como afirma Fiorin (2013) “[...] entre as possibilidades que uma língua fornece e que são factualmente atestadas nos usos, haverá valores, significados sociais a elas associados.” (FIORIN, 2013, p.117). Na linguagem fotográfica não é diferente. Cada fotografia traz consigo histórias, saberes e riquezas da humanidade. Mas, e quando esse leitor não enxerga? Ele deverá ficar isento do conhecimento imagético? Diante desse mundo cheio de tecnologias cada vez mais visuais, como um deficiente visual lidaria? Provavelmente ele ficaria à parte deste amplo acervo imagético.

Esse artigo é fruto de um estudo pautado no uso da fotografia no ensino, reforçando a riqueza de significados desta ferramenta e a sua importância no âmbito da acessibilidade. Abordaremos algumas formas de inclusão para os deficientes visuais nesse meio tão complexo e interessante que é o da fotografia.

Educação e Fotografia

A educação atrelada à fotografia pode ampliar as possibilidades de ensino e aprendizado, sendo um potente meio de universalizar o conhecimento. Entretanto essa ferramenta ainda não é utilizada nas escolas como deveria.

É importante discutir novas formas de enaltecer a educação bem como a utilização de novos recursos de ensino nas instituições. Diversas experiências feitas por pesquisadores provam a eficácia do uso de metodologias atuais, tais como a de prática fotográfica no ensino, principalmente no âmbito da criticidade e autonomia pelo alunado.

No contexto atual é extremamente necessário incentivar o surgimento de novos grupos no âmbito escolar, principalmente das minorias, no intuito de que tenham acesso e possam contribuir individualmente e coletivamente, tanto

por uma vertente artística como educacional. Com a diversidade presente nos grupos de alunos, percebemos também a necessidade de mais inclusão, de incentivo e de adaptação.

A acessibilidade é uma questão que precisa ser revista em prol de melhorias, pois sabemos que ainda há falhas que persistem nas instituições por não sabermos lidar com a deficiência do outro. Discutiremos de maneira mais específica sobre a relação do deficiente visual com a fotografia e a funcionalidade desse tipo de prática no ensino e aprendizagem.

Fotografia e acessibilidade

Previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais, o uso de fotografias para análise é de extrema importância no ensino, entretanto, os alunos não são submetidos a tais experiências com frequência. Nos livros didáticos, é fornecido um aparato de imagens ao leitor, o que facilita a aprendizagem dos conteúdos.

A utilização de fotografias em livros didáticos tem grande importância no processo ensino aprendizagem, pois estimulam a concentração dos discentes em relação ao conteúdo estudado, aumenta a receptividade dos mesmos, favorecendo o desenvolvimento pedagógico e ativando o raciocínio, já que são mais facilmente lembradas do que a linguagem escrita e oral sendo, portanto consideradas facilitadoras (CAMPANHOLI, 2014, p.9).

Mas e quando esse leitor não enxerga? Por vezes os professores não estão preparados para adaptação dos conteúdos, isso, devido a uma trajetória de acomodação da nossa sociedade que é extremamente visual.

Com excessiva frequência recorremos à visão como estímulo primordial para nos comunicar e lidar com situações diárias, “[...] à visão é dado um papel essencial no desenvolvimento humano e sua ausência assume, muitas vezes, uma dimensão maior do que ela realmente tem.” (NUNES, LOMÔNACO, 2010, p.58). Porém, se esse estímulo que parece predominantemente coordenar nosso corpo e nossas ações fosse interrompido, teríamos que nos readaptar ao contexto que nos

Cerca e aprender novas formas de comunicação para nossa sobrevivência em sociedade.

Para a maioria, pode parecer curioso pensar no deficiente visual exercendo a prática da fotografia, fazendo excelentes fotos e dominando muito bem o eixo que o cerca. Devido a uma questão cultural, acreditamos que o deficiente sempre precisa de auxílio e é incapaz de exercer algumas funções sozinho; esse fator limita nossa opinião acerca da capacidade de uma pessoa cega ou com baixa visão, assim, não execemos como deveríamos a aproximação necessária para entender o outro.

Lembrar nomes de fotógrafos deficientes visuais que praticam a fotografia há anos é mais difícil do que conhecer alguns nomes de fotógrafos que enxergam, justamente porque ainda é uma realidade distante da nossa e precisa ser trabalhada para reverter esse quadro. Em aulas de fotografia, por exemplo, muitos nomes citados, se não quase todos, são de renomados fotógrafos videntes.

Todavia, assim como as pessoas videntes, o cego ou o indivíduo de baixa visão tem capacidade de utilizar de ferramentas artísticas como formas de comunicação e expressão; e com a fotografia não é diferente. Nomes como Teco Barbero, João Maia, Gerardo Nigenda e Evgen Bavcar são provas de que fotografar não é unicamente uma questão de possuir a visão perfeita.

Apesar de o senso comum associar a fotografia a tudo que é visual ou como sendo a visão o único sentido para praticá-la, ela vai muito além disso; é mais que um enquadramento perfeito ou uma técnica difícil de se executar; fotografia é natureza, é sentimento, é o ouvir, o pensar e o interpretar. Se trata de uma relação entre a sua própria essência fotográfica e no que o sujeito intencionaliza fotografar, o “noema” da fotografia, o intratável, o que esteve lá, como denomina o escritor francês Barthes (1984). O deficiente visual aguça outros sentidos e aprimora sua sensibilidade para perceber o que não é óbvio, como uma maneira de compensar a ausência da visão.

Pensar o processo de visualizar alguma coisa é entender este processo de forma contextualizada em suas visualidades, forma de ver o que nos cerca que ultrapassa a subjetivação

da visão e, ao mesmo tempo, se funde com os modos sociais de ver (PEDROSA; COSTA, 2017, p.83).

Pensar formas de inclusão é uma urgência. Não apenas no âmbito escolar, mas até os próprios familiares do deficiente precisam repensar suas práticas. Como afirma Alves (2009), a família do deficiente visual não o estimula a produzir fotografias. A sociedade como um todo precisa estar atenta a essas questões; não são poucos os lugares inacessíveis aos deficientes em geral. Falta acessibilidade nos teatros, nas escolas, nos museus, nas igrejas e até em órgãos importantes para a saúde e bem estar do ser humano, como hospitais, praças, restaurantes, academias etc.

Projeto “A Fotografia e o Sentir”

Para uma pessoa cega ou de baixa visão a fotografia inclui os estímulos de outros sentidos; o tato, a audição e o olfato podem descrever o ambiente e os elementos de um determinado momento, se trata da multissensorialidade. No ato fotográfico irão predominar os sons característicos de cada lugar, a descrição falada do outro ou até mesmo o toque, estes artifícios são usados como forma de situar o deficiente visual. Como discute Alves (2009), essas são algumas formas exploratórias que auxiliam o ato e a leitura fotográfica para que mesmo sem ver aquela cena de forma literal, se possa visualizá-la em imaginação. Estimular a prática fotográfica ao deficiente visual também o traz a possibilidade de se expressar artisticamente, externalizar seus sentimentos e sua individualidade.

Experiências como essas surgem e se tornam mais frequentes nas instituições como maneiras de difundir o conhecimento e a prática fotográfica para todos os grupos, além de romper com estereótipos e padrões enraizados na sociedade de que somente o vidente pode fotografar e que a fotografia é meramente visual. Pensar a fotografia para além da visão é uma maneira de aprender e melhorar nossa percepção do mundo e do outro.

[...] a arte não se restringe à pintura, à escultura e à arquitetura, pois também a literatura, a dança e a música são expressões artísticas. Ou seja, as artes e a beleza não são usufruídas apenas pela visão, mas também pelo tato e pela audição, como ocorre, por exemplo, quando da apreciação de esculturas pelo

tato e de músicas e literatura pela audição. (NUNES; LOMÔNACO, 2010, p. 57).

Pensando na possibilidade de viabilizar a fotografia e sua leitura para deficientes visuais, sendo estes os grandes responsáveis autônomos de suas próprias obras, o grupo de extensão da Universidade Federal de Campina Grande em parceria com o Instituto dos cegos da cidade de Campina Grande se propôs a incentivar e levar o ensino fotográfico seguindo outros caminhos sem a necessidade exclusiva da visão.

Intitulado “A Fotografia e o Sentir”, o projeto utiliza como recurso a multissensorialidade do indivíduo, explorando os estímulos auditivos e táteis ao viabilizar maquetes para um conhecimento prévio do ambiente a ser fotografado, bem como a criação de paisagens sonoras que auxiliam a localização e o conhecimento do que circunda as áreas a serem exploradas. O objetivo é de que por meio do tato e da audição eles possam conhecer e ter uma noção melhor do lugar a ser fotografado.

Ambientes sonoramente calmos foram escolhidos para que o deficiente visual possa ter mais noção dos sons daquela área com clareza. A poluição sonora de um lugar muito movimentado poderia interromper o fluxo de informações a serem ouvidas, já que juntos, os sons ficariam difíceis de distinguir e não haveria uma noção efetiva de espacialidade. Junto a descrição e auxílio de um monitor, o indivíduo cego ou de baixa visão poderá percorrer o espaço com uma noção melhor do ambiente devido aos exercícios feitos anteriormente.

Em uma primeira visita foi perceptível que o maior desejo dos alunos é obter autonomia de fazer fotografias sozinhos, tanto de si mesmos como dos outros, buscando anular o sentimento de impotência diante de algumas situações no dia a dia. Além de abandonar a passividade de ser o fotografado, eles almejam ter total autoridade sobre suas obras podendo inclusive, fazer uma leitura delas, o que muitas vezes não lhe é possível pela falta de acessibilidade diante do registro fotografado que dificilmente é adaptado para eles.

Preocupados não só com a produção, mas também com a leitura dessas fotografias por parte dos alunos, foi feito um estudo e pesquisa de algumas

técnicas para adaptação do material fotografado, justamente com o objetivo de que possam ter a oportunidade de conhecer sua obra e reconhecer sua capacidade de autonomia diante do ato fotográfico.

Técnicas como bolear o acetato, impressões 3D, furos no verso do papel e utilizar linha ou barbante para contornar as formas foram pensadas para facilitar a leitura do deficiente visual, já que ao fim do projeto, pretende-se produzir uma exposição para que como fotógrafos, esses deficientes visuais possam expor sua sensibilidade e capacidade diante de suas próprias obras, enfatizando a importância de projetos como esses que buscam tirá-los de um lugar neutro e passivo onde eles normalmente são o elemento fotografado e não exercerem a prática.

Para todos nós é essencial praticar e ter noção de nossa sensibilidade criativa, perceber o que nos rodeia e expressar nossos sentimentos e particularidades. Apesar da limitação visual, o indivíduo com cegueira ou de baixa visão pode e deve, como qualquer pessoa, exercer funções que os desafiam. O projeto “A Fotografia e o Sentir” objetiva reforçar justamente o pertencimento a esse lugar que já é deles, os fazendo reconhecer sua capacidade artística e imaginativa ao estimular outros sentidos, além de garantir a autonomia em realizar uma atividade diária sozinhos: a prática da fotografia.

Considerações finais

A partir de tais contribuições teóricas e de experiências realizadas nessa área, podemos confirmar a importância do contato do aluno com essa prática pedagógica, que dá possibilidades de ampliar seus olhares para um patamar além do que está no produto fotográfico, que não se resume ao que está na imagem. A educação é direito de todo e qualquer cidadão e é importante assegurar qualidade no ensino para todos. Pensar sobre acessibilidade é fazer com que no futuro os problemas referentes a ela sejam amenizados.

Diante do que foi exposto, desmistificamos que produzir e ler fotografias é uma exclusividade apenas para pessoas videntes, e ressaltamos a importância de que estudos e projetos como esse sejam frequentes no meio acadêmico difundindo o conhecimento e as práticas fotográficas para diversos grupos.

Pensar novas formas didáticas na acadêmica é essencial, pois ainda há uma carência de recursos e suportes nas instituições, o que gera uma acessibilidade rasa. Todavia, é imprescindível destacar a necessidade de que essa causa seja abraçada por mais profissionais que se importem com a necessidade do outro e busquem alternativas em prol de universalizar o conhecimento e a comunicação.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jefferson Fernandes. **Deficiência visual e fotografia:** o olhar pelo som, pelo tato e pela palavra alheia. In: Congresso brasileiro multidisciplinar de educação especial. Paraná, 2009.

BARTHES, Roland. **A camera clara:** nota sobre a fotografia. Trad. Júlio Castañon Guimarães. 9ªed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1984.

CAMPANHOLI, Julie A. M. Fotografia e educação: O uso da fotografia na prática docente. In: **Primus Vitam**. São Paulo, Nº 7, 2014. Disponível em: http://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_7/julie.pdf . Acesso em: 08/09/2019.

DE AZEVEDO PEDROSA, Stella Maria Peixoto; DA COSTA, Ana Valéria de Figueiredo. Fotografia e educação: possibilidades na produção de sentidos dos discursos visuais. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 28, n. 1, p. 78-94, 2017.

FIORIN, José Luiz (org.). **Linguística? Que é isso?**. São Paulo: Contexto, 2013.

NUNES, Sylvia et al. O aluno cego: preconceitos e potencialidades. **Psicologia Escolar e Educacional (Impresso)**, v. 14, n. 1, p. 55-64, 2010.

TORRES, Maria Rita de Lima. **A importância da leitura de imagens para o ensino e aprendizagem em artes visuais**. Tarauacá, 2011. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/4458/1/2011_MariaRitadeLimaTorres.pdf . Acesso em: 07/09/2019.